

# ALFABETIZAÇÃO E SOCIEDADE EM GUIMARÃES NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉC. XIX

UMA PRIMEIRA VISÃO

Rodrigo Azevedo\*

1. Nos últimos séculos, principalmente após a criação e difusão da imprensa, as sociedades ocidentais têm sido fortemente marcadas pela grande expansão das capacidades de escrever e de ler. Lentamente, com paragens e mesmo retrocessos, a partir do século XVI e até ao século XX, passou-se de uma alfabetização elitista a uma alfabetização massiva.

O conhecimento das técnicas da escrita e da leitura abriu, para os indivíduos, novas vias de acesso ao seu mundo interior mas, muito particularmente, quer para eles, quer para as comunidades em que se inseriam, meios de aceder, de uma forma qualitativamente enriquecedora, ao mundo social exterior. Assim, a alfabetização constituiu uma das linhas divisórias mais importantes da Humanidade. Os processos alfabetizadores não foram iguais, nem no tempo, nem no espaço. Do mesmo modo, não foram simultâneos para todos os grupos sociais e profissionais, nem mesmo para todas as comunidades. Essa não simultaneidade também se verificou entre os sexos (pelo que até se pode dizer ter existido um processo alfabetizador masculino e outro feminino). Claro que o desenvolvimento desses processos está intimamente ligado aos processos de desenvolvimento económico, social e cultural. E, para além do mais, como afirma P. Goubert, trata-se da «História das Culturas e não da Cultura<sup>1</sup>».



*Guimarães, Igreja dos Santos Paços.*

Se a História da Alfabetização em Portugal tem diversos aspectos comuns à do ocidente, muito particularmente à dos países predominantemente católicos do Sul, em que se inclui, possui vários outros específicos da realidade nacional. No que concerne a este último aspecto conhecemos, essencialmente, linhas gerais. Destas, destacam-se para o século XIX, o do pleno arranque da alfabetização em massa no Ocidente, o lento desenvolvimento económico e as enormes dificuldades, quando não desinteresse em proporcionar

e obter uma escolarização verdadeiramente obrigatória. Quanto às linhas específicas, marcadas por diferenças entre regiões, pela dicotomia urbano/rural, pelas evoluções diversas de cada grupo social e pela acção de instituições, grupos e indivíduos, pouco sabemos.

Este trabalho pretende inserir-se num quadro de pesquisa com vista à definição dessas linhas específicas. Com ele visa-se obter um esboço, que poderíamos chamar fotográfico se não apresentasse características de dinâmica evolução, do estado de conhecimentos de escrita da população que durante o último quartel do século XIX habitou, durante mais ou menos tempo, na cidade de Guimarães, especialmente em três das suas freguesias.

Assim, só se procura fazer aqui o ponto da situação do estado de alfabetização, e da sua qualidade, de boa parte da população vimaranense dos fins do século XIX. O estudo dos processos

\*Professor da Universidade do Minho. Investigador.

alfabetizadores, tanto na sua vertente oficial, como na particular, da evolução da escolarização, de criação de escolas, da constituição de bibliotecas públicas ou particulares, ou dos actos de leitura, ficará para mais tarde.

2. Guimarães era, no último quartel do século XIX, o sexto maior centro populacional português. Situada no Sul do Minho, encontrava-se no meio de uma sub-região rural de minifúndio altamente produtiva, onde a indústria têxtil se tinha instalado fortemente ainda há pouco. Na cidade de Guimarães predominava a indústria artesanal e mesmo doméstica (curtumes, têxtil, cutelaria, marroquinaria e ouriversaria). Ela era, também, um importante centro de comércio e negócios.

Nesta cidade de cerca de 13 mil habitantes vivia um forte grupo de negociantes que, conjuntamente com os proprietários (geralmente rurais mas também urbanos), os membros do clero, os chefes dos serviços administrativos e alguns profissionais liberais, constituíam a oligarquia sócio-económica e política dominante. Outros grupos se destacam: o da grande massa dos artesãos, o dos donos das pequenas oficinas há muito existentes ou das pequenas fábricas nascentes, os profissionais do sector terciário, um pequeno grupo ligado ao sector primário, os militares (que constituíam, mesmo quando sargentos ou oficiais, e embora com as especificidades inerentes a cada grupo hierárquico, uma população altamente flutuante). Trabalhando ou não podemos detectar grupos bem definidos entre as mulheres: o das proprietárias, o das artesãs (que trabalham geralmente em casa estando, muitas vezes, disfarçadas sob o eufemístico nome de costureiras), o das criadas de servir e, ainda, um pequeno grupo de profissionais de serviços. É, também, uma cidade que atrai a si não só muitos habitantes das zonas rurais e dos concelhos envolventes mas, ainda, um número significativo de indivíduos vindos do resto do Minho, de Trás-os-Montes, das Beiras, do Douro Litoral e da Galiza. A cidade comportava, então, quatro freguesias: S. Miguel do Castelo (ou Oliveira/Castelo), S. Paio, S. Sebastião e Oliveira. Por razões a que mais adiante nos referimos só vamos tratar das três primeiras. S. Miguel do Castelo era uma pequena freguesia, que tinha constituído o primeiro núcleo urbano, onde predominavam os militares e os sectores mais ou menos marginais que giravam à sua volta.

S. Paio, situada praticamente toda dentro da antiga área muralhada, possuía um número significativo de oficiais, mas era principalmente uma zona residencial, de comércio e de serviços.

S. Sebastião, a freguesia construída fora das muralhas medievais, era a maior das três. Nela predominavam as imbricadas actividades artesanais e da pequena indústria. Embora fosse zona de habitação de artesãos e operários, também viviam nela (exercendo, por vezes, aí a sua actividade) negociantes. Possuía algumas zonas rurais por onde se disseminavam proprietários, lavradores e pequenos grupos de trabalhadores agrícolas.

3. As fontes básicas utilizadas foram os registos paroquiais de casamento e de baptismo das freguesias de S. Sebastião, S. Paio e de Oliveira/Castelo referentes ao período compreendido entre 1876 e 1900, inclusivé. Assim, foram analisadas todas as assinaturas, ou a falta delas, dos noivos e das testemunhas de casamento, no caso

dos primeiros, e dos padrinhos de baptismo (bem como dos pais e/ou das mães de filhos naturais quando eram chamados a assinar), no caso dos segundos, desde que fossem residentes em Guimarães<sup>2</sup>.

Os dados extraídos das fontes primárias foram sempre comparados com as fichas de família que temos, ao longo dos dois últimos anos, elaborado sistematicamente, seguindo a metodologia proposta no método de Reconstituição de Paróquias de Norberta Amorim, para o período de 1821-1910, para as três freguesias em análise, no âmbito de uma investigação mais vasta que prosseguimos.

Embora não tenhamos realizado uma investigação sistemática em relação à freguesia da Oliveira e seus habitantes todos os dados que foram surgindo sobre eles, nos livros de registo das outras freguesias, foram aproveitados. Tal ficou a dever-se ao nosso pensamento de que esse aproveitamento, embora tendo um cariz bastante parcelar em relação ao total da freguesia, só pode enriquecer o conjunto de dados obtidos<sup>3</sup>.

4. A base da investigação foi a análise das assinaturas constantes de documentos paroquiais das referidas freguesias.

Para Schofield «la capacidad de firmar representa como mínimo un estado intermedio de alfabetización, de manera que la contabilización de las firmas sobre estima el número de personas capaces de escribir y sub-estima el de las capaces de leer»<sup>4</sup>. Entretanto Moreno Martínez afirma que: «hay que pensar que la firma es, normalmente un buen indicador de alfabetización probablemente con la posibilidad de cometer un error entre una millar. Substancialmente estamos de acuerdo con R. Schofield, pero dada la improbable situación de que un firmante no sepa leer y escribir consideramos que lo apropiado es juzgar como alfabetizado al que sabe firmar»<sup>5</sup>.

Através da análise da qualidade das assinaturas consegue-se detectar ou, pelo menos, aperceber diferentes níveis de instrução. Assim, resulta mais rica que, em muito, ultrapassa a mera diferenciação alfabetizado/analfabeto.

Dentre os vários métodos propostos para a análise das assinaturas, o mais adequado pareceu-nos ser o utilizador por Rosa Gálvez e Viñao Frago que classificam as assinaturas em quatro níveis. O nível 1 é o da mão guiada, o nível 2 o do traço memorizado, o nível 3 do traço normalizado e o nível 4 o do traço caligráfico. Quanto aos que não assinam por não saberem vamos, por comodidade de classificação, considerá-los como pertencentes ao nível A.

Após um aturado estudo de muitas das assinaturas inseridas nos registos paroquiais atrás referidos, chegamos à constituição de um grupo de protótipos que nos permitissem uma classificação automática de todas as assinaturas a analisar. Temos que reconhecer, no entanto, a existência de um certo grau de subjectividade na análise de algumas delas. Tal sucedeu principalmente entre os níveis 1 e 2, por um lado, e 3 e 4, por outro, que nunca entre os níveis 1 e 3 ou 2 e 4. Assim, por exemplo, uma assinatura que é mais perfeita que os protótipos de nível 2, mas menos perfeita que os de nível 3, levou a que se tivesse de decidir sobre qual dos dois estava mais próximo. Tais casos, no entanto, não tiveram uma amplitude significativa.

Deve-se assinalar que num número pequeno de casos (cerca de 4% do total, ou seja, 138 homens e 82 mulheres) o nível das assinaturas dos indivíduos sofreu uma evolução ou um retrocesso<sup>6</sup>. Identificamos no total (como se pode verificar no quadro n.º1).

**Quadro n.º 1**  
**Número Total de Indivíduos Observados**

Freguesia	Homens	Mulheres
S. Sebastião	1299	1302
S. Paio	1039	988
O./Castelo	175	151
Oliveira	254	269
Toral:	2767	2710
<b>Total Geral:</b>	<b>5477</b>	

5477 indivíduos (50,52% do sexo masculino e 49,48% do sexo feminino). Assim, apesar de os homens serem chamados a participar mais vezes, em média, como padrinhos de baptismo e, principalmente, como testemunhas de casamento (e como se pode verificar no quadro n.º2) conseguiu-se obter um número bastante semelhante de homens e mulheres observados.

**Quadro n.º 2**  
**Pessoas Observadas por Acto e Freguesia**

	Homens			Mulheres		
	N	T.B.	T.C.	N	T.B.	T.C.
SS	370	1926	463	361	1798	78
SP	292	1450	472	283	1316	57
O/C	46	127	94	47	121	3
Tot.	708	3503	1029	691	3235	138

Como facilmente se pode notar, ao utilizarmos as assinaturas, ou a sua falta, constantes dos registos paroquiais de baptismo e de casamento como fonte primária para o estudo da alfabetização, e da sua qualidade, da população de Guimarães estamos a obter um retrato que parece ser bastante fiel da realidade da generalidade dos vimaranenses. É que, devido aos laços sociais que necessariamente se estabelecem ao longo de um período de vinte e cinco anos numa comunidade como a que estamos a tratar, a maior parte dos indivíduos acaba por ser, algum dia das suas vidas, quer testemunha de casamento, quer padrinho de baptismo (para além de sabermos que grande parte das pessoas casa algum dia). A única

distorção forte que pode, em princípio, existir é a de certas profissões estarem muito mais representadas que o peso demográfico real dos seus membros. Estamos, evidentemente, a referimo-nos a profissões de forte prestígio social. No entanto, o que nos interessa aqui é que os indivíduos tenham sido chamados assinar pelo menos uma vez no período de análise. Esse facto retifica desde logo, até devido ao peso assumido pela obrigação dos noivos assinarem o assento de casamento, essa possível distorção. De qualquer modo, voltaremos mais tarde a este assunto.

5. Ao longo do processo de alfabetização das sociedades ocidentais alguns grupos sócio-profissionais tomaram a dianteira, quer pela natureza do seu estatuto e função social (o clero ou os professores, por exemplo), quer pela natureza do seu estatuto sócio-económico

**Quadro n.º 3**  
**Qualidade Média das Assinaturas por Freguesia**

	Homens	Mulheres
S. Sebastião	1,9	0,9
S. Paio	1,8	0,9
O. Castelo	1,4	0,7
Oliveira	2,1	1,1
<b>Média geral:</b>	<b>1,8</b>	<b>0,9</b>

(os negociantes, por exemplo). Mesmo com o advento e o desenvolvimento do processo da alfabetização em massa, tal situação mantém a sua dinâmica. Naturalmente que, agora, o conhecimento dos mecanismos essenciais da escrita, da leitura e, mesmo, do cálculo se vão vulgarizando mas a sua qualidade mantém-se diversa. A qualidade da escrita, um dos motores essenciais desta análise, vai continuar a ser, aliás, bem diversa. Na Guimarães do final do século XIX tal situação é facilmente detectada. Assim, se dissermos que a qualidade média das assinaturas é para os homens de 1,8 e para as mulheres de 0,9 só estamos a fazer uma análise macroscópica<sup>7</sup>. Face ao que acabou de ser referido decidimos dividir os indivíduos pelas suas profissões. Tal situação parece, desde logo, possibilitar uma visão correcta da realidade.

Partindo dos dados insertos nos quadros n.º1 e n.º2 construímos vários grupos de profissões consoante a qualidade média das assinaturas dos seus membros<sup>8</sup>.

Em relação aos homens como, desde logo, se verifica a ordenação da qualidade média das assinaturas por profissão é bastante similar, com algumas excepções não dispiciendas, à hierarquização social. No topo encontramos dois grupos, o dos médicos e o dos advogados que, até devido aos cursos superiores ostentados pelos seus membros eram os únicos cujo nível mínimo era o do traço memorizado.

**Quadro n.º4**  
**Distribuição Percentual e Níveis de Qualidade Média das Assinaturas**  
**por Profissão dos Participantes em Actos**

Profissão	% face ao total	Nível A %	Nível 1 %	Nível 2 %	Nível 3 %	Nível 4 %	Qualid. Média
Médico	0,4	-	-	-	36,4	63,6	3,6
Advogado/Bacharel	0,4	-	-	-	54,5	45,5	3,5
Capitalista	1,13	-	-	19,4	48,4	32,2	3,1
Militar (oficial)	0,72	-	-	9,5	66,7	23,8	3,1
Pess. Judicial	1,09	-	-	17,2	62,1	20,7	3,1
Escrevente	0,8	-	-	13,6	72,8	13,6	3
Outras Sector liberal	0,37	-	-	16,7	66,6	16,7	3
Padre	2,98	-	-	8,7	82,6	8,7	3
Professor/Mestre Escola	0,43	-	-	8,3	83,4	8,3	3
Outras: Sector Terciário/Administ./Comunicação	1,78	2,4	-	29,3	51,2	17,1	2,8
Militar (Sargento)	1,23	-	-	38,2	50	11,8	2,7
Negociante	14,6	4	3,7	26	54,2	12,1	2,7
Pess. Adminis.	1,42	7,9	-	21,1	63,1	7,9	2,7
Caixeiro	2,18	1,7	3,4	36,2	48,3	10,4	2,6
Proprietário	8,88	8,9	7,6	24,6	47,5	11,4	2,5
Armador	0,61	5,9	5,9	35,3	47	5,9	2,4
Estudante	1,45	-	7,5	52,5	40	-	2,3
Ourives	1,05	-	7,1	42,9	50	-	2,3
Fabricante/Industrial	1,96	11,1	9,3	44,4	33,3	1,9	2

Militar (Músico)	0,54	-	6,3	81,1	12,6	-	2
Marceneiro	1,23	9,4	15,6	50	25	-	1,8
Pessoal Laico Igreja	1,13	10,7	21,4	46,5	21,4	-	1,8
Barbeiro	1,27	21,9	3,1	50	21,9	3,1	1,7
Funileiro	0,54	13,3	13,3	53,4	20	-	1,7

Outros: Sector Terciário/Comercio	2	28,6	2,4	33,3	35,7	-	1,7
Filho Família	1,96	28,8	8,5	37,3	22	3,4	1,6
Outras: Sector Secundário/Metal	0,91	16	8	52	24	-	1,6
Marchante	1,53	26,8	7,3	53,7	12,2	-	1,5
Outras: Sector Secundário/Couro	0,66	27,8	33,3	16,7	22,2	-	1,5
Curtidor	3,09	23,5	18,5	42	16	-	1,4
Sem Indic. Profissão	6,4	39,9	7,4	34	18,2	0,5	1,4
Serralheiro	1,34	38,9	11,1	38,9	11,1	-	1,4
Alfaiate	2,87	31,1	18,2	38	11,5	1,2	1,3
Outras: Sector Secundário/Diversos	1,42	35,9	17,9	30,8	15,4	-	1,3
Outras: Sector Terciário/Diversos	1,02	47,6	6,8	22,7	22,7	-	1,3
Cutileiro	0,69	42,1	21	21	15,9	-	1,1
Outros: Sector Secundário/Téxtil	0,77	37,5	4,2	54,1	42	-	1,1
Surrador	5,64	43,6	12,7	30,4	13,3	-	1,1
Padeiro	1,56	53,7	14,6	14,6	17,1	-	1

Pintor/Caiador	1,64	48,8	18,6	16,3	16,3	-	1
Carpinteiro	1,09	46,6	30	16,7	6,7	-	0,9
Lavrador	1,34	55,6	16,7	19,4	8,3	-	0,9
Pedreiro	0,62	52,9	11,8	35,3	-	-	0,9
Sapateiro/Tamanqueiro	5,49	49,7	16,3	24,5	9,5	-	0,9
Enfermeiro	0,36	44,5	22,2	22,2	11,1	-	0,8
Outras: Sector Primário	0,55	60	6,7	33,3	-	-	0,7
Vendedor	1,34	64,1	10,3	12,8	12,8	-	0,7
Peixeiro	0,4	66,7	-	26,7	6,6	-	0,6
Cocheiro	1,16	71,9	9,4	12,5	6,2	-	0,5

Militar (Soldado)	1,42	57,9	21,1	13,1	7,9	-	0,5
Sem Prof./ Pedinte	0,14	75	25	-	-	-	0,3
Criado Servir	1,67	73,5	14,3	61	61	-	0,2
Jornaleiro	1,16	84,4	12,5	-	13,2	-	0,2

Os médicos (aliás, em número escasso - 11) eram referidos, na sua generalidade como médicos cirurgiões. Estamos na presença de uma profissão prestigiada, não dependesse dela, muitas vezes, a vida e a morte, que utiliza quotidianamente a escrita. Os advogados, (com o mesmo reduzido número de indivíduos que os médicos) lidando diariamente com a justiça usufruíam, também, de um forte prestígio e faziam da escrita uma das suas armas profissionais.

Com médias muito aproximadas surgem sete grupos profissionais. Neles o analfabetismo teria que estar obviamente ausente, sendo o traço normalizado dominante enquanto que o traço memorizado, embora já surgindo, tem ainda escassa representação. Assim, revela-se, através da execução da assinatura, um nível de instrução médio ou elevado e um uso quotidiano da escrita.

O pessoal judicial (formado por um juiz e vários oficiais de diligências, entre outros) constitui um grupo em que o excelente manuseio da escrita era uma obrigação diária. O mesmo se pode dizer dos escreventes, grupo de 22 indivíduos, cujos misteres deviam ser diversos, embora ligados por um constante uso da escrita.

Padres e professores também estão relacionados com o uso intensivo da escrita e, apesar da sua média comum ser alta (3,0), ela parece ser menos do que se esperava de um grupo (o dos padres) que durante séculos deteve, quase totalmente, o controlo deste meio de comunicação e, de outro grupo (o dos professores) em que uma das funções primordiais é ensinar a utilizá-lo. No entanto, podemos verificar que entre a quase centena de padres encontrada existe um forte grupo de presbíteros e encomendados que, na sua maioria, não parece demonstrar grande mestria na escrita (quando se encarregam da redacção dos actos paroquiais os erros são constantes). Entre os professores, alguns surgem com a designação de *professor de ensino livre* ou de *mestre de meninos*. A maioria deles seriam indivíduos sem uma grande instrução que se dedicavam a ensinar particularmente as primeiras letras às crianças, o que se confirma pelo baixo nível das suas assinaturas.

Um pequeno grupo de profissionais liberais (constituído, entre outros, por um agrónomo, dois engenheiros civis e oito farmacêuticos) incluía-se naturalmente neste conjunto de profissões já que quase todos possuíam cursos médios ou superiores e desempenhavam funções técnicas ou de direcção.

Os oficiais do exército (desde o alferes ao general) revelam uma qualidade média bastante alta o que, para além do nível social elevado que muitos possuíam, demonstra um bom nível de instrução (aliás extensível, dentro do exército, aos sargentos com a sua qualidade média de 2,7).

Os capitalistas (pequeno grupo social cujos membros, muitas vezes, aparecem também referenciados como negociantes e proprietários<sup>9</sup>,

ostentam a marca da sua posição no topo da escala económico-social.

No segundo grande grupo encontram-se profissões bem diversas que têm pelo menos, em comum uma qualidade média de escrita igual ou superior à do traço memorizado. Tal revela uma utilização habitual da escrita e, provavelmente, dos outros meios de comunicação a ela ligados. Isso é normal para indivíduos que eram proprietários de grandes empresas comerciais, possuíam lojas especializadas de média ou pequena dimensão, ou sobreviviam dos escassos rendimentos das suas baiucas, ou ainda, arrematando muitas vezes a cobrança dos impostos municipais, viviam dos rendimentos, fartos ou limitados, que lhe proporcionavam os seus depósitos bancários, as rendas das casas ou das terras que possuíam. Normal também o era para os outros que trabalhavam em escritórios, em bancos, no comércio, na administração pública, nas telecomunicações, dirigiam pequenas oficinas industriais, eram quadros médios do exército, tocavam música ou estudavam.

Este grupo corresponde a quase 36% dos homens analisados e apresenta várias facetas de ordem geral. Assim:

- surgem já, embora com pequena expressão, os analfabetos (naturalmente muito pequenos negociantes, proprietários e fabricantes e, no caso do pessoal administrativo, grande parte dos zeladores municipais) - exceptuam-se o caso dos militares, quer sargentos, quer músicos, dos estudantes e dos ourives (os profissionais do sector secundário que possuíam a qualidade média de escrita mais elevada o que os posicionava de uma forma elitista face aos seus pares);
- o nível 1 ou está muito representado ou é inexistente;
- o nível 3 é, de forma absoluta ou relativa, dominante - exceptuando-se os casos dos fabricantes/industriais, músicos militares e estudantes (neste último caso estamos, boa parte das vezes, em presença de jovens de pouca idade, cuja capacidade de escrita veio a evoluir posteriormente);
- todas as profissões, com excepção dos estudantes e dos ourives, possuem membros com o nível 4.

Pode-se formar um terceiro grande grupo com doze profissões ou agrupamentos de profissões pouco representadas e onde o sector secundário é o mais importante, embora surgindo ainda um conjunto de pequenos comerciantes e artesãos por conta própria (mas que nunca aparecem referenciados pelas designações de negociante, fabricante ou industrial). Este grupo é constituído por cerca de 20% do total dos homens participantes em actos. Como seus traços gerais podemos apontar os seguintes:

- nível médio abaixo do traço memorizado e que, em alguns casos, se eleva pouco acima do de mão guiada;
- domínio, absoluto ou relativo, do nível de traço memorizado,
- existência de um número já significativo de analfabetos, que se situam entre os cerca de 10% e os cerca de 35%, que aumenta conforme diminui o nível de qualidade média;
- existência de um número ainda importante de indivíduos com o nível de traço normalizado, que se localiza entre os cerca de 36% e os cerca de 4%, e que baixa paralelamente à diminuição do nível de qualidade média;
- muito pequena representação do nível de traço caligráfico, onde avulta a ausência de qualquer profissional do sector secundário.

Dentro deste grupo merecem menção especial dois agrupamentos. O pessoal laico da Igreja é constituído pelos mais diversos indivíduos, desde os servos e sacristães aos que desempenham funções superiores na Colegiada. Deste modo, não admira que o grupo possua cerca de 11% de analfabetos.

A designação filho família refere-se a indivíduos não adultos que não desempenham qualquer função profissional e que, geralmente, pertencem aos estratos sociais médios e superiores. Na maior parte dos casos este grupo (aqui representado por 59 indivíduos) inclui crianças e adolescentes muito jovens, parte dos quais devia ser, na realidade, estudante. Assim sendo, não espanta que tenham cerca de 29% de analfabetos (de quem, por vezes, os padres dizem *ainda não sabe ler*). Em contrapartida, apresenta cerca de 13,5% de indivíduos com o nível 3 e 2 elementos com o nível 4.

O grupo de indivíduos agrupados sob o item sem indicação de profissão é grande (176 membros). Boa parte deles devia, na realidade, ter uma profissão, só que o padre quando redigiu o assento esqueceu-se de o mencionar. Deste modo, estamos em presença de um grupo relativamente atípico onde, no entanto, o analfabetismo é já de certa monta (cerca de 6,5%), enquanto que o grupo de nível 3 só representa cerca de 18% do total e só existe uma pessoa com nível 4.

Um quarto grande grupo é formado por oito profissões ou agrupamentos profissionais juntando cerca de 19% do total de indivíduos do sexo masculino analisados. Nele domina o sector secundário. Os seus traços gerais são os seguintes:

- nível de qualidade média igual, ou ligeiramente superior, ao de mão guiada;
- domínio, absoluto ou relativo, (excepto num caso) dos analfabetos;
- mais de 50% de indivíduos (excepto no caso do agrupamento dos sem indicação de profissionais) estão abaixo do nível 2;
- existência, sempre claramente acima dos 10%, de indivíduos possuidores do nível 3;
- inexistência, com excepção de um único caso, de indivíduos com nível 4.

Merece uma menção específica o grupo de indivíduos agrupados sob o item *sem indicação de profissão* e que é grande (176 membros). Boa parte deles devia, na realidade, ter uma profissão, só que o padre quando redigiu o assento esqueceu-se de o mencionar, e nós não os conseguimos encontrar, a eles ou à sua profissão, nas fichas família. Deste modo, estamos em presença de um grupo relativamente atípico onde, no entanto, o analfabetismo é já de certa monta (cerca de 7,5%) enquanto que o grupo de nível 3 só representa cerca de 18% do total e só existe uma pessoa com nível 4.

Um quinto grande grupo (cerca de 11% dos homens) possui um nível médio de qualidade de assinatura entre 0,9 e 0,5 ou seja abaixo do de mão guiada. Para além deste facto apenas a muito diminuta percentagem de indivíduos com nível 3 o distingue do grupo de profissões anterior. Deve-se salientar, ainda, que os pedreiros e o pequeno grupo profissional do sector primário constituído por feitores, hortelãos e lavradores-caseiros não passam para além do nível 2.

Neste grupo faz a sua aparição boa parte do pequeno número de habitantes de Guimarães que trabalhava no sector primário. Certa-

mente que a designação de lavrador devia ser atribuída a pequenos e muito pequenos proprietários agrícolas, pois de outro modo não se compreenderia que 55,6% desses homens fossem analfabetos e só 8,3% possuissem o nível 3.

A inclusão dos enfermeiros neste grupo é demonstrativa da sua impreparação geral e do lamentável nível dos cuidados hospitalares então habitualmente prestados.

Um último grupo de profissões (cerca de 5,5% do total) apresenta as seguintes características distintivas:

- qualidade média igual ou inferior a 0,5;
- mais de 75% dos seus membros não ultrapassam o nível de mão guiada.

A ele pertencem os grupos indeferenciados (com excepção dos cocheiros) onde, boa parte das vezes, é já elevado o grau de marginalidade económico-social. Tal torna-se mais evidente se atentarmos na existência do pequeno grupo dos sem profissão e pedintes.

Os jornaleiros na sua grande maioria provêm das zonas rurais do concelho de Guimarães o que, como veremos mais adiante detalhadamente, faz suspeitar ser aí o nível de analfabetismo muito mais elevado do que na cidade.

Os criados de servir (naturalmente trabalhando em casas particulares mas, também, em empresas comerciais) acorriam a Guimarães, vindos de todo o Minho, e trazendo só o seu trabalho indeferenciado. Nenhum possuía o nível 3 e só 6,5% alcançava o 2, sendo a percentagem de analfabetos de 78%.

Os soldados eram, então, pouco mais do que um misto de párias sociais e deserdados da sorte (basta ler Camilo para nos apercebermos desta realidade). Filhos de quem não tinha tido dinheiro, quer para remir o seu serviço militar, quer para os levar para a emigração, chegavam de quase todo o país e eram na sua maioria (cerca de 56%) analfabetos, embora uns poucos (9%) alcançassem o nível 3.

No respeito às mulheres, e apesar do seu baixíssimo nível médio, as semelhanças com os homens, na distribuição dos grupos profissionais pela escala de qualidade média, são evidentes.

A liderança distanciada era exercida pelo pequeno grupo das capitalistas. Em relação a elas, não sabemos, ainda, se estamos em presença de um pequeno núcleo com força e actuação económica, ou se a designação profissional dos seus membros é fictícia e se reporta à profissão dos maridos. De qualquer modo, este é o único grupo cujo nível médio é superior a dois. Isto vem, uma vez mais, demonstrar a distância existente entre os processos alfabetizadores masculino e feminino.

Em relação ao segundo grupo podemos afirmar que seria de esperar que lá aparecessem exactamente as profissões que aí estão incluídas. São as de maior prestígio social ou que, devido à sua especificidade, exigem um contacto permanente com a escrita e a leitura. No entanto, parece surpreendente uma qualidade média tão baixa.

Os traços gerais deste grupo (o que representa cerca de 22% do total de mulheres) são:

- qualidade média evidentemente superior ao nível de mão guiada;
- domínio, relativo ou absoluto, do nível 2;
- surgimento de analfabetismo já com alguma importância (com a lógica excepção das professoras e mestras de meninas);

**Quadro n.º5**  
**Distribuição Percentual e Níveis de Qualidade Média das**  
**Assinaturas por Profissão das Participantes em Actos**

Profissão	% face ao total	Nível A %	Nível 1 %	Nível 2 %	Nível 3 %	Nível 4 %	Qualid. Média
Capitalista	0,37	-	25	25	50	-	2,3
Professora/ Mestra Meninas	0,37	-	28,6	42,8	28,6	-	1,9
Negociante	1,4	18,4	10,5	52,6	15,9	2,6	1,7
Proprietária	12,21	15,4	19	49,6	15,7	0,3	1,7
Enfermeira/ Parteira	0,3	25	25	37,5	12,5	-	1,4
Filha Família	7,75	26,7	12,4	51,3	9,5	-	1,3
Outras: Sector Terciário	1,14	50	11,8	17,6	20,6	-	1
Sem Indic. Profissão	35,53	46,8	16,9	30,6	5,3	0,4	1
Marchante	0,52	33,3	33,3	33,3	-	-	0,9
Doméstica	6,27	51,5	12,1	34,6	1,8	-	0,8
Costureira	19,15	56,7	17,3	24	2	-	0,7
Fabricante/ Industrial	0,3	42,8	42,8	14,4	-	-	0,7
Outras: Sector Secundário/ Têxtil	0,4	80	10	10	-	-	0,5
Padeira	1,92	72,6	17,6	9,8	-	-	0,4
Vendedeira	1,58	77,3	6,8	15,9	-	-	0,4
Criada Servir	5,9	81,4	9,9	6,8	1,9	-	0,3
Outras: Sector Secundário/ Diversos	0,77	92,9	7,1	-	-	-	0,3
Tecedeira	0,99	88,5	3,8	7,7	-	-	0,2

Fiandeira	0,99	96,3	-	3,7	-	-	0,1
Lavradeira	1,1	90	6,7	3,3	-	-	0,1
Peixeira	0,7	94,7	5,3	-	-	-	0,1
Func. Hospício	0,25	100	-	-	-	-	0
Outras: Sector Primário	0,55	100	-	-	-	-	0

• existência de uma pequeníssima percentagem de mulheres capazes de escrever com traço caligráfico.

As professoras surpreendem por só possuírem uma média de 1,9 (quase idêntica à dos marceneiros ou funileiros, por exemplo, nos homens). No entanto, a maior parte dos elementos do grupo são referenciados nos registos como *mestras de meninas*. Aliás as três mulheres identificadas como professoras oficiais possuem um nível médio de 2,7.

Negociantes e proprietários eram grupos em que a utilização dos códigos da escrita eram habituais (é claro que desconhecemos qual o número destas mulheres que recebiam a designação profissional através do marido e, na realidade, só dirigiam, ou executavam, os trabalhos domésticos). Não nos esqueçamos, no entanto, que o seu nível de 1,7 é já inferior ao do traço normalizado.

As enfermeiras/parteiras surgem aqui numa posição em que ao prestígio social de «mulheres sábias» aliam a um relativo domínio da escrita (25% são, no entanto, analfabetas). Não esqueçamos que algumas podiam ter o curso da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. No que respeita, às filhas/família a sua caracterização enquanto grupo é idêntica à dos seus homónios masculinos. Aliás, os seus níveis médios não são muito diferentes (1,3 para elas e 1,6 para eles) e o número de analfabetos também não (25% para elas e quase 29% para eles) sendo o das mulheres surpreendentemente menor. No entanto, se cerca de 9% das mulheres atinge um nível de 3 a percentagem de homens com esse nível é superior (13,5) e se dois dos jovens alcançam um nível 4, nenhuma delas o consegue.

Um terceiro grupo contém cerca de 63% do total das mulheres participantes em actos. As suas características comuns são:

- domínio, absoluto ou relativo, do analfabetismo;
- o nível 2 é o segundo em ordem de importância (com excepção das fabricantes e industriais);
- inexistência do nível 4 (com uma única excepção).

Com 1,0 surge um pequeno grupo constituído por diversas profissionais de serviços e de hotelaria (desde a cabeleira à modista e da botequineira à hoteleira). Embora não uniforme, nota-se que para alguns dos seus elementos a escrita era já imprescindível (50% de analfabetas mas, 20,6% com nível 3).

O grupo das mulheres sem indicação de profissão é o maior de todos (949 elementos, ou seja, 35% do total de mulheres por nós referenciadas). Infelizmente, devido ao não registo da profissão por parte dos padres, devem-se incluir neste grupo as mais díspares profissionais para além, é claro, das domésticas. A tão forte existência quantitativa deste grupo leva-nos a pensar que, se as profissões de todos os seus elementos fossem conhecidas, talvez a média de algumas das outras profissões fosse substancialmente diferente. Eis aqui um obstáculo que, pelo menos neste primeiro momento, não conseguimos ultrapassar<sup>10</sup>.

As costureiras são o segundo maior grupo que conseguimos constituir e o maior de ordem profissional (515 elementos). O seu número revela a existência na cidade de Guimarães de um forte trabalho têxtil domiciliário como suplemento, e fonte de alguns magros proventos, à actividade doméstica (aliás um número significativo destas costureiras é, uma ou outra vez, identificado nos registos como de domésticas). Um pouco mais de 56% são analfa-

betas e só cerca de 3,5 possui o nível 3. O grupo das domésticas (170 elementos) inclui-se, portanto, e em boa parte, no anterior até na percentagem de analfabetas - cerca de 52% (embora só duas possuíssem o nível 3). Assim, as domésticas, as costureiras e, em boa medida, as que não possuíam indicação de profissão mostram (até por constituírem cerca de 60% do total de mulheres) a realidade calamitosa do processo alfabetizador feminino na urbe vimaranense quando do virar do século. Se a elas juntarmos os grupos profissionais que ostentam níveis médios mais baixos a situação piora significativamente.

Um quarto grupo é constituído por mulheres (um pouco mais de 14% do total) que trabalhavam no sector secundário (essencialmente na têxtil, vendiam na sua banca ou local fixo ou de forma ambulante, ou que eram criadas de servir. Como características comuns apresentam as seguintes:

- nível da qualidade média muito próxima do zero;
- existência de 75%, ou mais, de analfabetas;
- inexistência de pessoas com nível 3 (com excepção de uma lavradeira e algumas criadas de servir).

Com as hortelãs, jornaleiras e lavradeiras caseiras (incluídas na rubrica outras profissões do sector primário), bem como as funcionárias do hospício (duas das quais tratadas nos documentos por directoras), chegamos ao analfabetismo total. São os mundos das trabalhadoras rurais e da assistência pública que vemos, ainda, permanecerem sob o total domínio da oralidade. A isso se liga, indissolúvelmente, a condição social miserável de boa parte destas mulheres.

6. Para testar de que modo o prestígio social, e também económico, estaria ou não ligado a uma maior qualidade na utilização da escrita resolvemos efectuar, face aos dados disponíveis, duas experiências. Como bastantes negociantes eram também referenciados como proprietários (54 num total de 401) resolvemos calcular a qualidade média das suas assinaturas para verificarmos, ou não, se existiria alguma alteração qualitativa face à qualidade média do total dos negociantes (2,6) e dos proprietários (2,4).

Vimos a obter para este grupo de negociantes-proprietários uma média de 2,6. Verifica-se, assim, ser esta idêntica à média geral dos negociantes. Se incluíssemos este grupo no dos proprietários a média destes últimos só subiria uma décima (de 2,4 para 2,5). Deste modo, afigura-se-nos que a designação de proprietário (que, muitas vezes, verificamos ser, para o período em análise, uma forma de tratamento de deferência social) não significava que os seus detentores possuíssem uma melhor instrução. Assim, parece apenas configurar um traço distintivo de ascensão social e económica.

Ao longo da nossa recolha de dados a designação de *Dona*, atribuída a uma mulher, surgia de quando em vez. Como sabemos, era um traço de distinção social e resolvemos testar a possibilidade de significar, também, uma melhor qualidade instrucional.

Encontramos 309 mulheres (um pouco mais de um décimo do total) referenciadas como donas e distribuídas por 14 profissões diferentes. As que mais avultavam, pelo seu número, eram as de proprietária (129 elementos), sem indicação de profissão (105), filha família (48) e negociante (11). Ao determinarmos a qualidade

**Quadro n.º6**  
**Qualidade Média das Assinaturas para os Casais**  
**em Função da Profissão do Homem**

Profissão	Média homens	Média mulheres	Total de casais
Alfaiate	1,1	0,4	37
Barbeiro	1,5	1	15
Carpinteiro	0,7	0,3	17
Cocheiro	0,5	0	26
Criado servir	0,5	0,3	23
Curtidor	1,4	0,4	43
Fabricante/Industrial	2,4	1,6	24
Jornaleiro	0,1	0	14
Lavrador	0,9	0,4	10
Marceneiro	1,8	0,6	20
Marchante	1,7	0,8	19
Militar (soldado)	0,8	0,3	25
Militar (sargento)	2,5	1,6	12
Negociante	2,7	1,6	142
Padeiro	0,8	0,3	18
Peixeiro	0,4	0,5	10
Pessoal judicial	3	1,8	12
Pintor/ caiador	0,8	0,2	24
Proprietário	2,3	1,5	42
Sapateiro/Tamanqueiro	0,7	0,3	74
Sem indicação profissão	1,2	0,8	82
Serralheiro	1,5	0,5	20
Surrador	0,8	0,3	115
Vendedor	0,4	0,3	18

média das assinaturas encontramos o valor de 1,8 (idêntico ao da média geral dos homens) que é muito superior ao nível médio das mulheres (0,9). Comparada com a média das diversas profissões só a de capitalista e a de professora a ultrapassam. Se comparamos agora a média da qualidade de assinatura de algumas profissões e a das mulheres que, dentro delas, recebem o tratamento de donas temos, respectivamente: proprietária, 1,7 e 1,8; sem indicação de profissão 0,9 e 1,8; filha família 1,3 e 1,7; negociante 1,8 e 1,9.

Deste modo, verificamos que o tratamento de dona, embora seja um tratamento de deferência, é praticamente irrelevante quanto a diferenças ao nível de instrução, para as proprietárias e as negociantes. Em relação às filhas família tal tratamento tem um efeito de filtro social. No que concerne ao grupo sem indicação de profissão ele separa totalmente as águas.

7. Como possuíamos um número muito significativo de casais decidimos, partindo da profissão dos homens, analisar comparativamente a qualidade da assinatura entre cônjugues. Fizemo-lo para as profissões com um número significativo<sup>11</sup> de homens casados de quem conhecíamos os dados das esposas. Dete modo, trabalhamos sobre um universo de 482 casais. A partir dele elaboramos o quadro n.º6.

Para os homens pertencentes aos casais em análise a sua qualidade média de assinatura é, muitas vezes, bastante diferente da obtida anteriormente para o total dos membros da sua profissão<sup>12</sup>. Tal não impede, no entanto, que façamos a comparação já referida.

Ao analisarmos os resultados, verificamos que os homens têm um nível médio superior ao das mulheres em 23 das 24 profissões consideradas. A única exceção verifica-se nos peixeiros cujas mulheres têm nível ligeiramente superior (0,5 contra 0,4) ao dos homens. A diferença do nível médio entre os homens e as mulheres varia entre 0,1 e 1,2 pontos. Tal situação demonstra o grau de avanço da alfabetização masculina, e da sua qualidade, face à feminina.

Se compararmos o nível médio revelado pelas mulheres com o estrato sócio-profissional e económico a que pertence a profissão dos seus maridos, verificamos que se dá uma evolução paralela à do nível médio dos homens. Assim, para os casos em que a média dos níveis dos homens se situa acima de 2,0 a das mulheres é igual ou superior a 1,5. Pelo contrário, se o nível médio dos homens é inferior a 1,5 o nível médio das mulheres é sempre inferior a 0,5 - com a já referida exceção das mulheres dos peixeiros e das dos homens sem indicação de profissão. Finalmente, quando os homens têm uma média entre 1,5, inclusive, e 1,9 as respectivas mulheres apresentam uma média entre 0,5 e 1, inclusive.

Face ao que acabamos de observar pensamos poder concluir que, na generalidade dos casos, embora, muitas vezes, a grande distância o processo alfabetizador feminino segue o masculino e, o que é mais, as mulheres casadas, até certo ponto independentemente da sua própria profissão, mantêm, em média, entre si a distância relativa das profissões dos homens.

8. Para um número bastante grande de indivíduos encontramos, principalmente no registo do seu casamento, a menção do local do seu nascimento. Para outros já possuíamos a informação anotada nas suas fichas de família.

Face a essa percentagem significativa (35,4% do total para os homens e 20,4% do total para as mulheres) resolvemos estudar, partindo da sua origem geográfica, a qualidade média das suas assinaturas e a percentagem de analfabetos dos indivíduos dos dois sexos nascidos no concelho de Guimarães.

Para a divisão geográfica seguimos os seguintes critérios: quando nascidos na cidade de Guimarães dividimos os indivíduos pela sua

freguesia de nascimento; criamos uma rubrica para os expostos na roda de Guimarães; dividimos o resto do concelho de Guimarães em três zonas - Zona Mista, Zona Rural 1 e Zona Rural 2<sup>13</sup>. Partindo no quadro n.º7 podemos analisar os dados respeitantes aos homens.

**Quadro n.º7**  
**Qualidade Média das Assinaturas e Percentagem de Analfabetos Segundo o Local de Nascimento**

Local Nascimento	N.º indiv.	Média	% Analf.
S. Sebastião	226	1,6	23
S. Paio	108	2,1	13
Oliveira/Castelo	3	2,8	0
Oliveira	72	1,8	26,4
Guim. Zona Mista	77	1,4	41,6
Guim. Zona Rural 1	66	1,1	45,5
Guim. Zona Rural 2	139	1,2	51,8
Guim. - Expostos	34	0,8	70,6

Excluída Oliveira/Castelo por insuficiência de dados, passemos à análise dos naturais de S. Sebastião. Verificamos que a qualidade média das suas assinaturas é de 1,6, logo inferior à de 1,9 encontrada para os residentes, enquanto que os analfabetos são 23%, percentagem semelhante à encontrada nos registos para os habitantes.

Para S. Paio a qualidade média de 2,1 é superior em 0,3 à dos habitantes e a percentagem de 13% é metade da destes.

No que concerne à Oliveira a média é inferior em 0,3 à média da amostra encontrada e a percentagem superior em cerca de 6% à daquela.

No que respeita aos expostos na roda de Guimarães, verificamos uma média de 0,8 e 70% de analfabetos o que é, no primeiro caso, muito baixo comparado com a média geral da cidade e, no segundo caso, obviamente uma percentagem muito alta.

Deste modo apercebemo-nos que, como já o sabemos, a cidade de Guimarães forma um mosaico composto com oscilações não só sócio-profissionais mas, também, de zona para zona. Se tivermos em atenção o conjunto de dados obtidos, apercebemo-nos que os naturais de Guimarães têm uma média de qualidade de assinaturas semelhante à média dos que habitam a sua cidade e um índice de analfabetismo inferior ao deles.

Comparando as três zonas em que dividimos o concelho de Guimarães extra-cidade verificamos que a Zona Mista é a que tem um nível de assinaturas mais elevado (1,4) e a menor percentagem de analfabetos (41,6%). Nas duas zonas rurais a situação é ainda mais gravosa, ultrapassando mesmo os indivíduos provenientes da Zona rural 2 os 50% de analfabetismo. Estes dados, se ponderarmos a hipótese de terem um carácter de amostragem (o que parece ser

provado com a evidência dos dados da Zona Mista, sub-urbana e de transição para a ruralidade, estarem mais próximos dos da cidade do que os das zonas rurais), levantam uma forte possibilidade de que, em geral, as freguesias do concelho extra-cidade possuam uma qualidade média de assinaturas bastante inferior à da cidade e uma percentagem de analfabetos muito superior à desta.

Analisemos agora, a partir do quadro n.º8, a situação das mulheres. Paradoxalmente, face aos resultados apurados para os homens, as médias para as naturais de S. Sebastião, S. Paio e Oliveira (voltamos a não estudar Oliveira/Castelo por não termos número suficiente de pessoas referenciadas como suas naturais), são superiores à média geral, quer de Guimarães, quer das suas freguesias. Quanto ao nível de analfabetas este é muito mais baixo (cerca de 14 a 19%) do que o nível das habitantes.

As três zonas em que dividimos o concelho revelam uma percentagem de analfabetas e uma média de qualidade das assinaturas muito semelhantes, o que mostra um muito fraco índice de alfabetização feminina.

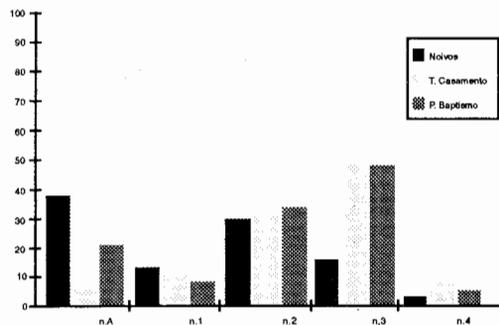
**Quadro n.º8**  
Qualidade Média das Assinaturas e Percentagem de Analfabetas Segundo o Local de Nascimento

Local Nascimento	N.º indiv.	Média	% Analf.
S. Sebastião	148	1,5	35,1
S. Paio	53	1,2	32,1
Oliveira/Castelo	6	0,2	83,3
Oliveira	50	1,2	30
Guim. Zona Mista	52	0,5	67,3
Guim. Zona Rural 1	59	0,4	71,2
Guim. Zona Rural 2	55	0,6	67,3
Guim. - Expostas	8	0,3	87,5

9. No decorrer da recolha de dados encontramos um número de indivíduos referidos como expostos minimamente significativo. Deste modo, permanecia sobre eles já adultos (e mesmo quando eram padrinhos de baptismo ou testemunhas de casamento) o labéu de uma marca social indelével mesmo quando alguns pertenciam profissionalmente às camadas sociais superiores.

Em face da situação que acabou de ser descrita, e sabendo nós que a generalidade das Rodas não possuíam as mínimas condições para cuidar dos expostos, já que a maioria deles morria logo, ou nos anos seguintes, à sua exposição, resolvemos testar a qualidade da instrução destes.

Encontramos 41 homens e 34 mulheres referenciados como expostos. A partir dos níveis das suas assinaturas elaboramos o gráfico comparativo que apresentamos no gráfico 1. Se o analisarmos verificamos que mesmo entre os expostos se fazem sentir os distintos processos alfabetizadores dos homens e das mulheres. A

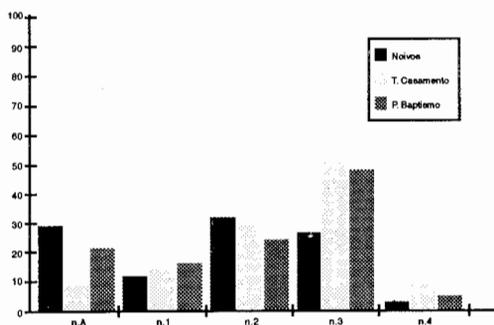


**Gráfico n.º1** : Comparação dos níveis por acto para os homens em S. Sebastião.

qualidade média das assinaturas (0,5) é superior à destas (0,3). Quanto à percentagem de analfabetos temos para os homens 63,4% e para as mulheres 79,4%. Enquanto o segundo nível mais representado nos homens é o do traço normalizado (11,6%) nas mulheres é o da mão guiada (17,6%). Nenhum dos sexos tem indivíduos com nível 4 mas, enquanto o masculino possui 9,8% com o nível 3, o feminino não tem nenhum.

Assim, apercebemo-nos que os expostos que chegavam a adultos, e independentemente do seu percurso individual continuavam, na sua generalidade, marcados pelo seu mais longínquo passado - a exposição - encontrando-se situados nas camadas menos alfabetizadas da sociedade.

10. Um grupo de indivíduos que os padres, por vezes, chamavam a assinar o registo de baptismo eram os pais de filhos naturais. Nos vinte e cinco anos em estudo as mães nessa situação muito raramente são chamadas a sancionar esse acto, só o fazendo num total de 13. Os pais, para o mesmo período, só o fazem quando, muito raramente, reconhecem a paternidade. Só que a partir de 1890 os padres começam, embora ainda lenta e esparsamente, a referir o seu nome e a exigir-lhes, quando o sabem fazer, que assinem o registo. Verifica-se, desde logo, um grande desequilíbrio entre o número de homens e o de mulheres que possuímos para análise. Apesar disso construímos o gráfico n.º2.



**Gráfico n.º2** : Comparação dos níveis por acto para os homens em S. Paio.

A partir do referido quadro, notamos que os homens se distribuem por todos os níveis sendo o nível 2 o dominante, com pouco mais de 54%. Existem cerca de 22% de analfabetos, mas à volta de 4,5% tem assinaturas de nível 4.

A grande maioria das mulheres é analfabeta (77%) e nenhuma delas ultrapassa o nível dois. A qualidade média das suas assinaturas (0,4) é muito inferior à da média geral das mulheres de Guimarães, enquanto que, a dos homens (1,7) se aproxima da sua média geral. Apesar da relativa escassez dos números podemos dizer que, para além de, em geral, pertencerem à base da pirâmide social as mães de filhos naturais também se posicionam nos degraus mais baixos do processo alfabetizador.

Em relação aos homens estes reflectem nos seus variados níveis de alfabetização a realidade da sua proveniência, de todos os grupos sociais.

11. Uma análise detalhada das fontes levou-nos, em relação à participação dos indivíduos nos actos de casamento e baptismo, às seguintes conclusões:

- ser chamado a ssinar os registos de casamento enquanto noivo era obrigatório para qualquer indivíduo;
- face ao que foi dito no ponto anterior, a participação de cada grupo sócio-profissional no registo de casamento, no que respeita à assinatura dos noivos, dependia, apenas, da sua actuação e do seu peso no mercado matrimonial;
- as testemunhas de casamento eram, na grande maioria dos casos, homens;
- a quase totalidade dos homens que desempenhavam o papel de testemunhas de casamento era alfabetizada e, em boa parte, pertenciam aos estratos sócio-económicos privilegiados, o que sobrevalorizava a participação deste face aos outros menos favorecidos;
- a participação de homens e de mulheres no baptismo, enquanto padrinhos, era praticamente equivalente (a única excepção consistia em, quando o padrinho ou madrinha escolhidos eram santos, o seu representante ser um homem<sup>14</sup>;
- os padrinhos de baptismo eram escolhidos em todos os estratos sócio-económicos mas, a percebemo-nos de uma ligeira sobreparticipação dos mais favorecidos;

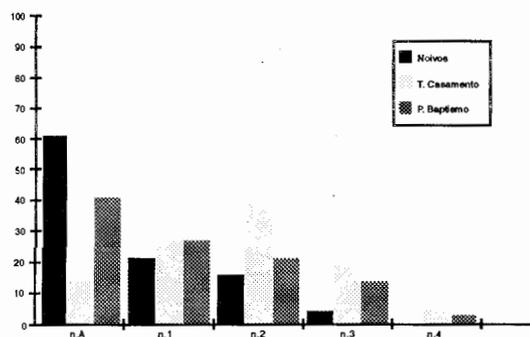


Gráfico n.º3 : Comparação dos níveis por acto para os homens em O. Castelo.

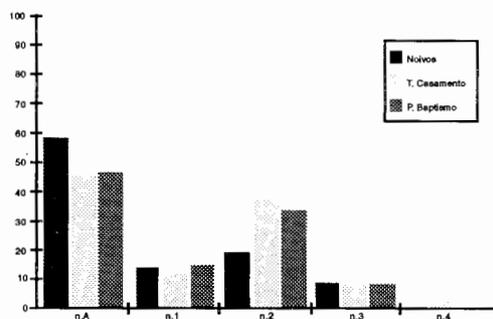


Gráfico n.º4 : Comparação dos níveis por acto para as mulheres em S. Sebastião.

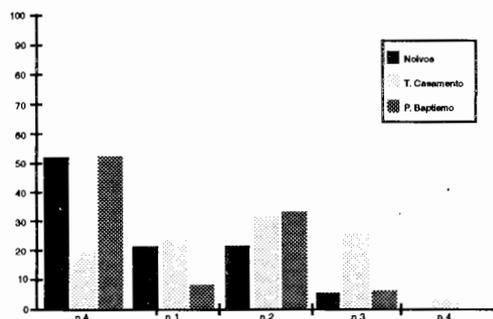


Gráfico n.º5 : Comparação dos níveis por acto para as mulheres em S. Paio.

Em relação aos homens verificamos ao observar os gráficos n.º3 a 5 que os noivos são, em comparação com as testemunhas de casamento e os padrinhos de baptismo, os que possuem um mais elevado nível de analfabetismo. Analisando estes dados, verificamos que existe uma similitude entre S. Paio e S. Sebastião no que respeita à percentagem dos níveis 1,2 e 4. S. Sebastião tem uma percentagem mais elevada de analfabetos e S. Paio de indivíduos com um nível de traço normalizado. No que respeita a Oliveira/Castelo esta freguesia possui as percentagens mais altas de analfabetos e de indivíduos com um nível de mão guiada e as mais baixas dos outros níveis. Esta freguesia, a que proporcionalmente registava a maior população flutuante da cidade, a dos soldados e a das prostitutas, é a que possui, bem mais fortemente, a maior quantidade de analfabetos.

Através da análise dos dados relativos às testemunhas de casamento verificamos uma proximidade muito maior entre as três freguesias do que aconteceu em relação aos noivos. Isto, apesar de se verificar que Oliveira/Castro tem uma maior percentagem nos níveis menos elevados e uma menor percentagem nos outros. Aliás, enquanto que o nível 3 é o mais elevado percentualmente para S. Paio e S. Sebastião o 2 é - para Oliveira/Castelo. Deve-se, ainda, assinalar que em S. Paio encontramos mais testemunhas de casamento com o nível 4 que com o nível A.

Em relação aos padrinhos de baptismo, como facilmente nos apercebemos, a percentagem para os diversos níveis volta a ser semelhante para S. Sebastião e para S. Paio excepto, neste caso, em relação aos níveis 1 e 2. Oliveira/Castelo volta a ter uma maior percentagem de analfabetos e uma menor de níveis 3 e 4. Enquanto que para as duas primeiras freguesias o nível mais representado é o três para a última é o A.

Assim, podemos dizer que, para os participantes nos vários actos, S. Sebastião e S. Paio têm uma distribuição de níveis percentualmente semelhante (embora se deva salientar que para os noivos, em menor grau, para as testemunhas de casamento S. Paio revela uma melhor qualidade de assinaturas), enquanto que Oliveira/Castelo a tem sempre de menor ou muito menor qualidade.

Em suma, verificamos que os padrinhos de baptismo e, muito particularmente, as testemunhas de casamento apresentam um conhecimento médio da escrita bastante superior ao dos noivos, sendo sempre o nível de analfabetismo entre estes mais elevado. Nos níveis 3 e 4 as testemunhas de casamento são as que estão percentualmente mais representadas e os noivos os que estão menos. Deve-se notar, no entanto, que para todos os actos os níveis 1 e 2 revelam, quase sempre um certo equilíbrio.

Importante se torna agora analisar a participação feminina nos actos em estudo. Podemos fazê-lo analisando os gráficos n.º 6 a 8.

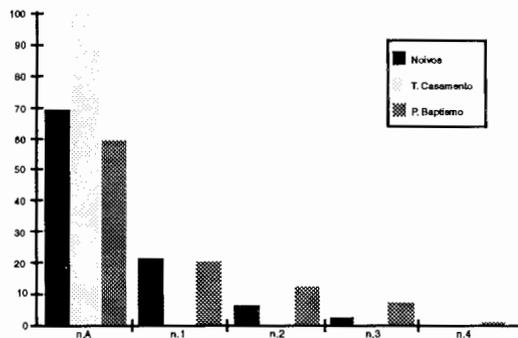


Gráfico n.º 6 : Comparação dos níveis por acto para as mulheres em O. Castelo.

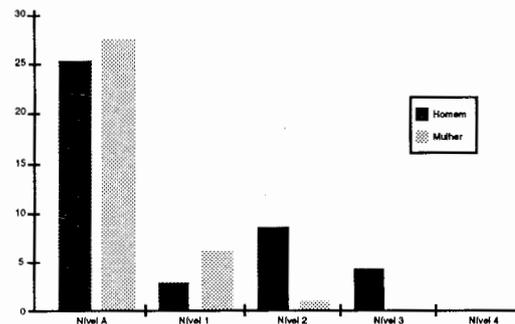


Gráfico n.º 7 : Expostos

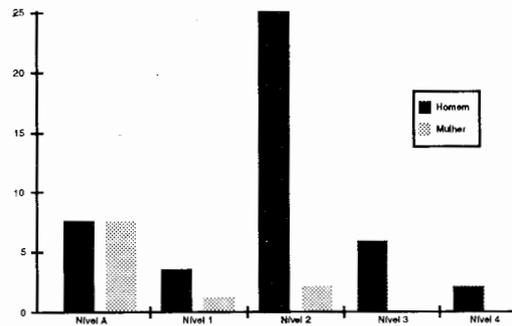


Gráfico n.º 8 : Pais de filhos naturais.

Facilmente nos podemos aperceber que, em qualquer das freguesias, mais de 50% das noivas são analfabetas e que nenhuma assinou o seu assento de casamento com um nível de traço caligráfico. Tal como sucedeu com os homens, Oliveira/Castelo revela-se como a freguesia com pior qualidade de assinaturas enquanto que S. Sebastião e S. Paio se continuam a equilibrar, embora com uma ligeira superioridade desta última.

Como sabemos, o número de mulheres testemunhas de casamento era, então, muito escasso e, portanto não admira o número encontrado para Oliveira/Castelo - duas mulheres analfabetas (S. Sebastião só teve, durante todo este período, 60 mulheres como testemunhas de casamento e S. Paio apenas 49). De qualquer modo, verificamos que S. Paio apresenta uma qualidade média muito superior à de S. Sebastião sendo o seu número de analfabetas menos de metade do desta.

Face aos dados relativos às madrinhas de baptismo verificamos que, com excepção de S. Sebastião, mais de metade delas são analfabetas, aproximando-se a sua percentagem da das noivas. S. Sebastião é a freguesia que, neste caso, revela uma qualidade média superior. Após a análise destes dados deve-se notar que, a exemplo do que sucedia com os homens, Oliveira/Castelo era a freguesia com uma participação nos seus actos de menor qualidade. Mas, neste caso, S. Sebastião e S. Paio revelam substanciais diferença em relação à distribuição percentual das testemunhas de casamento (favorável à segunda) e das madrinhas de baptismo (favorável à primeira), enquanto que se aproximam no que respeita às noivas.

Em suma, podemos dizer que, face às percentagens gerais por freguesia obtidas para as mulheres, somente no caso das testemunhas de casamento, apesar da escassa participação das mulheres, temos razões para suspeitar de uma participação sobrevalorizada dos estratos sócio-económicos superiores.

12. Uma cidade tem zonas distintas que reflectem vivências sociais e situações económicas diversas. As freguesias, microcosmos unitários ou compósitos da malha urbana, podem reflectir uma só ou várias dessas vivências. No entanto, se não existem gestos físicos ou/mentais, os capilares sociais que ligam os indivíduos são porosos (em diversos graus, é verdade). Assim, não admira que um grande número de indivíduos de uma freguesia participe nos principais

actos de ordem religioso-social das freguesias suas vizinhas. Dito isto, vamos passar à comparação dos níveis dos homens e mulheres de Guimarães por freguesia<sup>15</sup>.

Se analisarmos o gráfico n.º9, referente aos homens, verificamos que:

- exceptuando Oliveira/Castelo (34%), a percentagem de analfabetos é de cerca de 1/4 do total;
- o nível que apresenta uma percentagem relativa mais elevada é o 3 (exceptuando Oliveira/Castelo em que é o A);
- Só Oliveira/Castelo é que apresenta mais de 50% dos homens no conjunto formado pelos analfabetos e pelos que assinavam com um nível de mão guiada;
- existe uma similitude entre as percentagens por nível das freguesias de S. Sebastião e de S. Paio;
- apesar de representarem, apenas, uma pequena amostra, face ao total dos moradores da freguesia, os indivíduos da Oliveira são os que revelam possuir uma menor percentagem dos níveis A, 1 e 2 e uma maior percentagem dos níveis 3 e 4.

Passando agora à análise do gráfico n.º10, referente às mulheres, apercebemo-nos de que:

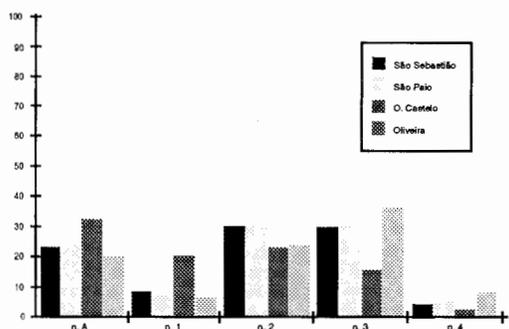


Gráfico n.º9 : Comparação dos níveis dos homens de Guimarães por freguesia.

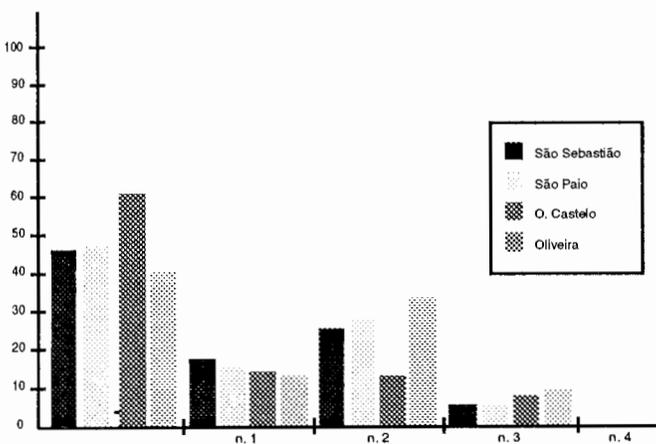


Gráfico n.º10 : Comparação dos níveis das mulheres de Guimarães por freguesia

• Exceptuando Oliveira/Castelo, que a ultrapassa bastante, a percentagem de analfabetas em todas as freguesias é ligeiramente inferior a 50%;

• a generalidade das freguesias (exceptuando a da Oliveira com a sua amostra de pouco mais de 250 mulheres) apresentam mais de 60% de mulheres no conjunto formado pelos níveis A e 1;

• a inexistência de mulheres possuidoras de nível 4 é praticamente total em todas as freguesias;

• se mantêm a similitude, já verificada entre os homens, das percentagens compatíveis nas freguesias de S. Sebastião e S. Paio;

• as mulheres da Oliveira são as que têm a menor percentagem nos níveis A e 1 e maior nos níveis 2 e 3.

Vejamos, em síntese, e como podemos verificar nos gráficos n.º11 e 12, a distribuição percentual dos níveis de alfabetização para as freguesias estudadas:

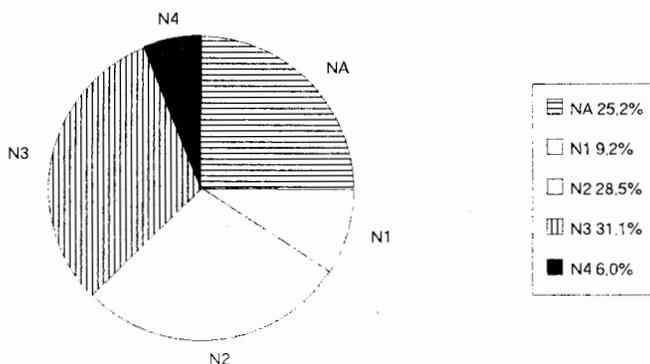


Gráfico n.º11 :Níveis de Alfabetização dos homens.

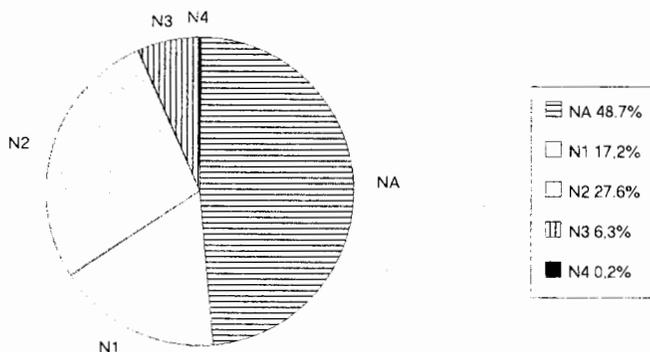


Gráfico n.º12:Níveis de Alfabetização das Mulheres.

• se entre os homens a percentagem de analfabetos é de pouco mais de 25%, a das mulheres atinge quase 50%;

• cerca de 2/3 dos homens revelam ter tido uma aprendizagem minimamente cuidada dos códigos da escrita, que só sucede a pouco mais de 1/3 das mulheres;

• o nível de mão guiada está pouco representado nos homens, ao contrário de que sucede nas mulheres, o que parece revelar uma aprendizagem mais sólida entre aqueles do que entre estas;

• 37% dos homens, como revelam os seus traços normalizados ou caligráficos, tinham hábitos quotidianos de escrita (sendo, aliás, o

nível 3 o proporcionalmente mais importante entre eles), mas tal só se passava com 6,5% das mulheres;

- só uma elite - 165 homens e 5 mulheres - possuíam um nível caligráfico.

Estes dados mais uma vez revelam a grande distância entre os processos alfabetizadores masculino e feminino, o que resulta da flagrante desigualdade dos papéis atribuídos aos dois sexos.

13. A cidade foi o primeiro espaço onde, historicamente, se iniciou o processo de alfabetização em massa. Mas, mesmo nela, esse processo não se desenvolveu à velocidade e com níveis semelhantes para todos os seus habitantes. A situação na hierarquia social e a profissão foram determinantes para o seu ritmo e a sua qualidade. Na Guimarães do fim do século XIX são os que exercem as profissões liberais, que trabalham na administração ou no sector terciário, que exercem funções superiores no exército, que possuem pequenas fábricas ou oficinas de considerável dimensão, que negociavam, ou que usufruem dos rendimentos das suas propriedades (quando não fazem o pouco de tudo simultaneamente) que lideram o processo alfabetizador. É entre eles que encontramos grupos sociais totalmente alfabetizados e é neles que a qualidade média da assinatura ultrapassa o nível do traço normalizado. Como seria de esperar a instrução, na generalidade dos casos, é, então, absolutamente interdependente do nível sócio-económico.

Um outro grupo é constituído pelos artesãos especializados, pelos muito pequenos patrões, pelos funcionários inferiores da administração e do terciário, por alguns trabalhadores por conta própria, pelos pequenos comerciantes. Para eles a escrita é já uma técnica minimamente adquirida (que é usada principalmente para nos momentos solenes afirmar nos documentos a sua individualidade mas, também já, para escrever uma carta ou tratar dos seus pequenos negócios) em conjunto com uma leitura que lhes permite descodificar um aviso oficial ou os jornais mas, boa parte das vezes, não um livro. A qualidade da sua escrita é memorizada e quando não é regularmente praticada pode regredir.

Finalmente surge a grande massa dos trabalhadores por conta de outrem, dos operários não especializados, dos criados de servir, dos

trabalhadores dos transportes por estrada, dos muito pequenos proprietários ou trabalhadores do sector primário, dos soldados vindos, muitas vezes, de longa distância. Aqui o analfabetismo domina e a escrita, quando existe é quase sempre realizada de uma forma penosa e tosca.

Para as mulheres a aprendizagem da escrita liga-se quase sempre à camada sócio-económica a que pertencem.

Só um grupo muito pequeno de mulheres pertencente aos estratos detentores dos vários tipos de poder (e uma outra professora) alcançou no topo da pirâmide alfabetizadora os homens mais instruídos.

Os outros grupos femininos, com a qualidade da sua alfabetização a depender genericamente da profissão dos maridos ou dos pais, situavam-se à distância, mas hierarquicamente, dos grupos masculinos a que estavam ligados. Dessa distância, resultava que nesta cidade minhota do virar do século as analfabetas fossem cerca do dobro dos analfabetos.

A alfabetização também está ligada a uma hierarquização do espaço. Se S. Paio e S. Sebastião, freguesias onde todos os grupos sociais estão presentes, atingem níveis similares, Oliveira/Castelo, freguesia pequena e pobre onde habitam os soldados e pequenos estratos sociais marginais, faz sentir isso mesmo com a sua longa corte de analfabetos. Num século de grandes movimentações migratórias tinham de surgir em força os nascidos noutros locais, Eles e elas chegam, em primeiro lugar da zona envolvente da cidade e da zona rural que esta comanda, e são sempre trabalhadores não especializados com os seus altos níveis de analfabetismo e a sua baixa qualidade de escrita. Surgem também do resto do país e da vizinha Espanha. Uns para ocupar funções administrativas, ou montar um negócio, outros para trabalharem pela sobrevivência. Cada um integra-se no grupo a que pertence e isso caracteriza a sua instrução.

Este trabalho constitui apenas um primeiro passo numa caminhada que sabemos ser longa. Muito ainda nos falta para alcançar um profundo conhecimento dos mecanismos sócio-educativos e culturais da população vimaranense mas, pensamos que algo já foi conseguido - o traçar de linhas gerais, de perspectivas e de hipóteses.

## BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, Maria Norberta, *Guimarães, 1580-1819. Estudo demográfico*, I.N.I.C. Lisboa, 1987.  
- *Reconstituição de paróquias. Um avanço metodológico no campo das Ciências Sociais*, Braga, 1988.
- CIPOLLA, Carlos M., *Instrução e desenvolvimento no Ocidente*, Editora Ulisseia, Lisboa, s/d.
- GRAFF, Harvey J. (ed.) *Literacy and Social Development in the West: a reader*, Cambridge University Press, Cambridge, 1982.  
- «*El legado de la Alfabetización: constantes y contradicciones en la sociedad y la cultura occidentales*». in Revista de Educación, n.º288, Madrid, 1989.
- JUSTINO, David, *A formação do espaço económico nacional. Portugal 1810 - 1913*, 2 vols., Vega Editora, Lisboa, 1988 - 89.
- MORENO MARTÍNEZ, Pedro Luis, *Alfabetización y Cultura impresa en Lorca (1760 - 1860)*, Universidad de Murcia, Murcia, 1989.
- ViÑAO, FRAGO, António, «*História de la alfabetización versus historia del pensamiento, o sea, de la mente humana*», in Revista de Educación n.º288, Madrid, 1989.
- VILANOVA, Mercedes, «*Alfabetización y militancia. El 'descubrimiento' de los analfabetos de Barcelona durante la Segunda República*» in Revista de Educación n.º288, Madrid, 1989.
3. Se não trabalhamos, também, os registos paroquiais da Oliveira isso deve-se a não termos, ainda, quando da conclusão deste trabalho, realizado na totalidade as fichas de família a ela respeitantes para o período em estudo. Apesar de a já referida comparação entre as assinaturas constantes dos registos paroquiais e os dados das fichas de família nos parecerem essenciais para uma visão enriquecedora, tornava-se impossível decidirmos não analisar, embora com carácter provisório e parcelar, os dados constantes dos registos.
4. In Schofiel R., «*The measurement of literacy in pre industrial England*» in Goody J., (ed.), *Literacy in traditional societies*, Cambridge University Press, Cambridge, p.324, cit. in Moreno Martínez, Pedro Luis, *Alfabetización y Cultura impresa en Lorca (1760-1860)*, Universidad de Murcia, Murcia, 1989, p.50.
5. In Moreno Martínez, Pedro Luis, ob. cit. 51.
6. Esta situação é uma resultante de um ou vários acontecimentos:
- aprendizagem da escrita durante o período em análise;
  - envelhecimento do indivíduo que passa a assinar com um traço menos seguro;
  - maior ou menor prática da escrita ao longo de um período de vários anos;
  - analfabetismo ou, pelo menos, semi-analfabetismo regressivo;
  - impossibilidade temporária de, por doença, o indivíduo assinar;
  - esquecimento do padre de fazer assinar a testemunha de casamento ou o padrinho de baptismo (facto que, provavelmente, sucedeu um escassíssimo número de vezes).
7. Ver quadro n.º3.
8. Entre o elevado número de profissões encontradas muitas são quantitativamente pouco significativas. Deste modo, para que o trabalho não se perdesse com números insignificantes, só mantivemos como profissões independentes aquelas que tinham para os homens, pelo menos, dez elementos e para as mulheres, pelo menos 8 elementos (neste último caso devido ao grande número de indivíduos sem indicação de profissão). Assim, embora com uma ou outra excepção para casos que consideramos relevantes agrupamos por sectores de actividade todas as profissões que tinham menos elementos que os referidos.
9. Entre estes três grupos as designações profissionais são fluídas e, por vezes, variam em relação ao mesmo indivíduo de acto para acto. Resolvemos adaptar para cada indivíduo a designação mais vezes referidas nos registos, ou assinalada na ficha de família quando, evidentemente, esta existe. Em certos casos, embora escassos, as dúvidas permaneceram tendo nós optado por considerar como profissão a última que surge assinalada. Nos outros grupos profissionais o indivíduo raramente muda de profissão. No entanto, nas poucas vezes que isso sucedeu utilizaram-se os métodos que acabaram de ser referidos.
10. É interessante verificar que a distribuição percentual por níveis das mulheres deste grupo é muito semelhante à distribuição encontrada para o total das mulheres.
11. O mínimo de dez indivíduos.

## NOTAS:

1. In Pierre Goubert, *El Antíguo Régimen*, Siglo XXI, 2.ª ed, Buenos Aires 1976, T.I, p197.
2. Para efeito de estudos considerámos todos os noivos como residentes, pelo menos no momento em que assinaram o seu assento de casamento, em Guimarães. Tal processo não nos parece errado por três razões. Em primeiro lugar porque, para a enorme maioria deles, possuímos fichas de família onde são referenciados um ou mais dos seus descendentes. Em segundo lugar, porque, embora não lhe tenha sido referenciada descendência, um ou os dois cônjugues aparecem posteriormente a desempenhar os papéis de testemunha de casamento ou/e de padrinho de baptismo. Em terceiro lugar, porque era então obrigatório que, pelo menos, um dos noivos residisse na freguesia onde se celebrava o matrimónio. Deste modo, parece-nos ter sido reduzido a pequeníssimas proporções o risco de considerarmos, no caso específico deste acto, como habitante de Guimarães quem o não era. No que respeita às testemunhas de casamento e aos padrinhos de baptismo os redactores dos actos paroquiais indicam quase sempre a freguesia de sua residência. Tal indicação afasta, desde logo quase todas as possibilidades de erro. Nos poucos casos em que a indicação da residência foi esquecida optámos por considerar como residentes em Guimarães apenas aquelas para as quais possuíamos indicações nas fichas de família.

12. De qualquer modo, para efeitos comparativos com a média das respectivas mulheres, utilizamos a média obtida a partir dos níveis destes indivíduos casados e não a média encontrada para o total dos membros da sua profissão.

13. A Zona Mista é constituída pelas freguesias de Creixomil e Urgeses; a Zona Rural 1 é constituída pelas freguesias de Mesão Frio, Costa, Azurém e Fermentões, todas elas limitrofes da cidade; a Zona Rural 2 é constituída pelas restantes freguesias do concelho.

Com esta divisão não fizemos nada de original. Apenas seguimos para a

constituição das duas primeiras zonas (ficando desde logo, e por exclusão de partes, constituída a terceira zona) a divisão usada por Maria Norberta Amorim na sua tese de doutoramento, *Guimarães, 1580 - 1819. Estudo demográfico*, I.N.I.C., Lisboa, 1987.

14. Só em dois casos, ambos verificados em S. Sebastião, é que mulheres representaram santos, sucedendo num deles que os padrinhos de baptismo foram duas mulheres.

15. Recordamos, uma vez mais, o carácter demasiadamente restrito e parcelar dos dados da freguesia da Oliveira e, logo, a relativa fiabilidade.